

A MAÇONARIA PARA OS LEIGOS:

Mistérios, Origens e Estrutura

(FREEMASONRY TO LAY: Mysteries, Origins and Structure)

Marco Antonio L. G. Campillo ¹

Resumo

O objetivo deste artigo é trazer luz à maçonaria aos leitores de forma mais didática possível, fazendo jus a um primeiro contato de forma não tão profunda porém não superficial, levando-o ao desejo de pesquisar sobre o tema maçonaria. Entrar-se-á neste mundo misterioso, mostrando o significado dos mistérios e segredos, origens e estrutura pedagógica/iniciática fazendo analogia a uma escola/universidade. Para tanto, o método utilizado é o da pesquisa indireta, revisão bibliográfica ou de compilação, onde através da leitura de assuntos relacionados ou correlacionados ao tema buscar-se-á conhecer de forma geral a temática.

Palavras-chaves: Maçonaria; Mistérios; Origens.

Abstract

The purpose of this article is to bring light to Freemasonry readers more didactic as possible, are entitled to a first contact so not as deep but not superficial, taking him to the desire to research the topic Freemasonry. It will enter this mysterious world, showing the meaning of the mysteries and secrets, backgrounds and pedagogical structure / initiatory doing analogy to a school / university. Therefore, the method used is the indirect research, literature review or compilation, where by reading or issues related to the topic will be sought to know in general the theme.

Keywords: Freemasonry; Mysteries; Origins.

¹ Graduado em História(UniMSB) e pós graduado em Gestão de Recursos Humanos(FIJ). Possui formação complementar em capacitação e aperfeiçoamento na área de Administração(FAETEC-CETEP) e na área de Recursos Humanos(FGV). cursando graduação em Administração (UNESA) e pós graduação em Gestão Empresarial (PUC-RS). E-mail: marcoalgc@hotmail.com

Introdução: Mistérios

Para uma pessoa que não sabe utilizar a informática básica, o computador representa um mistério que só poderá ser desvendado através de uma iniciação (início) nos estudos da mesma. ora, aquilo que é o desconhecido, portanto oculto e representando um mistério (simbolicamente a escuridão/trevas), está a todo momento presente na vida do homem, resta saber se o mesmo possui as condições e/ou os atributos para receber o conhecimento (luz/iniciar) que lhe tirará da condição de ignorância (novamente escuridão/trevas) do que é desconhecido, tendo assim conseguido, será portanto um iniciado em tais assuntos/conhecimentos que outrora eram misteriosos para o mesmo.

A AMORC e MacNulty colaboram para uma melhor compreensão do conceito dos mistérios:

(...) os egípcios antigos fundaram as primeiras Escolas de Mistério. Para ser admitido nessas escolas, era preciso ser considerado digno de receber a sabedoria que os mestres consideravam sagrada e valorizavam mais que tudo no mundo. (...) Na Roma antiga, os mistérios eram chamados *initia* e, os iniciados, *mystae*. O vocábulo, *initiare*, em latim, significa inspirar e, *initium* quer dizer começo ou instrução. (...) (AMORC, 1985, p.8).

Os Mistérios constituíam-se numa instituição pública reconhecida no mundo antigo. Embora tenham tido maior influência sobre a vida intelectual ocidental dos séculos não muito distantes como o XVI e o XVII, hoje é difícil compreender porque se baseiam numa visão do mundo tão diferente da do nosso materialismo científico contemporâneo (MACNULTY, 1996, p.5).

Os mistérios acerca da Maçonaria se desenvolvem com a própria definição de mistério, pois além dela representar um conhecimento (gnose) que só os Iniciados na mesma tendem a acreditar que possuem, a forma que este conhecimento é passado (através de rituais/a Iniciação) também constitui um mistério no sentido de segredo e para ampliar ainda mais o horizonte, este mistério, é um mistério considerado antigo e por isso mais fascinante, querendo-se remontar as Antigas Escolas de Mistérios. Por isso, a Maçonaria também é conhecida como uma Escola de Mistérios.

Ainda hoje as pessoas ficam fascinadas pelo segredo ou mistérios maçônicos, para tanto, verifica-se as antigas² e mais recentes³ produções cinematográficas e também literárias⁴ que tem como centro a Maçonaria para se verificar que o termo “maçonaria” vende e entretém muito, aguçando a curiosidade das pessoas.

A Pedagogia e a Estrutura Maçônica

Quando se pensa em rituais, faz-se logo referência a algo ligado a alguma religião, culto, a magia (mágico) ou ao sobrenatural, porém, também podem ser relacionados a algo formal e simples e que está no nosso cotidiano.

Os rituais estruturam e organizam a vida das pessoas, tendo como estrutura basilar a repetição como característica, levando em alguns casos à disciplina; há portanto um aprendizado consciente ou inconsciente sobre o ritual.

Os rituais, executados repetidamente, conhecidos ou identificáveis pelas pessoas, concedem uma certa segurança. Pela familiaridade com a(s) sequência(s) ritual(is), sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sen-

² Como exemplos temos os filmes *Forças Ocultas (Forces Occultes)* de 1943 e o *Pequeno burguês (Un borghese piccolo)* de 1977.

³ Como exemplos temos os filmes *Do Inferno (From Hell)* de 2001, *A Lenda do Tesouro Perdido (National Treasure)* de 2004 e sua sequência de 2008.

⁴ Como o livro de Dan Brown, *O Símbolo Perdido*, ou o livro de Umberto Eco, *O Cemitério de Praga*.

timentos, enfim, temos uma sensação de coesão social (RODOLPHO, 2004, p. 139).

“(…) Numa simples apresentação de um amigo a outra pessoa, por um conhecido comum, há um rito: ligeira curvatura, aperto de mãos, palavras de cortesia, ar sorridente. Se não for observado o rito, alguém pode ser severamente censurado e classificado como mal educado, grosseiro, estúpido. Todos os processos, usos e costumes de nossa civilização baseiam-se em ritos. É por isso que nas Chancelarias há, obrigatoriamente, um chefe do ritual destinado a programar a maneira correta de recepções, a fim de se evitarem “gaffes” às vezes imperdoáveis e de repercussões internacionais, envergonhando a nação em que foram cometidas. Dão a esses “experts” o nome de Chefe de Cerimonial; mas é mesmo do Ritual.

Quando se diz que a personagem tal quebrou o protocolo, leia-se: desobedeceu ao ritual, ao uso e costume que tem de ser observado e seguido nos atos cerimoniais de caráter oficial. (...) (ALENCAR, 1980, p.89)

Victor Turner (1974) desenvolve a ideia de um tipo específico de ritual, esta especificação ele chama de “rito de passagem”. Arnold van Gennep, citado por Turner, define esses ritos como ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social e de idade. Há diversos tipos de ritos, tais como: da hospitalidade, da adoção, da gravidez e parto, do nascimento, da infância, da puberdade, da iniciação, da ordenação, do noivado, do casamento, dos funerais, das estações, etc.

Para Rivière (1997 apud RODOLPHO, 2004), o aprendizado da leitura e da escrita é uma forma de iniciação, de atribuição de uma nova identidade à criança. As etapas escolares em nossa sociedade como por exemplo o fim de colégio e entrada na universidade, os trotes aos calouros, são etapas que seguem, atribuindo-se a cada um de nós novas identidades e novos papéis a serem desempenhados junto

ao grupo que convivemos. O importante em qualquer ritual não é o conteúdo explícito, mas suas características de forma, convencionalidade, repetição, etc. Não se deve levar pelo valor da racionalidade ou pelos critérios de nossa sociedade, já que estes não são válidos para outros grupos.

Já para András Zempléni (2000 apud RODOLPHO, 2004), os protótipos dos ritos de passagem são os ritos de iniciação, pois em ambos marca-se a transição de um status social para outro (morte e renascimento simbólicos). Portanto, a iniciação é uma forma sintética dos ritos de passagem, por meio dos quais ela opera. Porém, a iniciação é mais do que um simples rito de transição, ela é um rito de formação. É esta formação que irá diferenciar os participantes que estão de fora (profanos/não iniciados) dos que estão dentro (neófitos/iniciados). São inúmeras as iniciações, por exemplo, que contam com ritos de inscrição nos corpos de marcas, signos visíveis da formação e transformação (escarificações, circuncisões, modificações no formato dos dentes, perfurações no nariz ou lábios etc.

A sociedade está sempre criando cerimônias de recepção ou passagem para consagrar algum estágio ou conquista na vida do homem, atribuindo a este, nova identidade, novo status, novo papel, nova responsabilidade, nova forma, dentre outros sinônimos a serem desenvolvidos junto ao grupo em que convive; por isso a maçonaria se utiliza de um ritual/rito como forma de instrução e também da iniciação como forma de recepção, tudo de forma pedagógica para interiorizar, sensibilizar, instruir e formar os candidatos (e os maçons já iniciados) a ser tornarem pessoas melhores do que já deveriam ser. É notável o papel dos rituais no cotidiano do homem antigo e moderno, o que a maçonaria faz é dar o toque da tradição e antiguidade a este aspecto pedagógico, tentando resgatar valores e situações ora esquecidos ou adormecidos na labuta do dia a dia.

Assim como uma Escola ou Universidade, a Maçonaria possui uma série de particularidades pedagógicas e também administrativas, alicerçadas nas mais repletas tradições construídas ao longo do tempo. Possuindo também os maçons, cargos e hierar-

quias voltados para a instrução (pedagogia) e também para a administração (gestão) da instituição.

O “profano” (candidato) para ingressar na Maçonaria deve ser convidado por um maçom ou demonstrar interesse em pertencer a instituição. Independentemente de o maçom conhecer ou não o candidato, este passa por longos processos burocráticos e de sindicâncias para sua entrada na instituição. Todo este processo que irá se findar com a iniciação propriamente dita, pode ser comparado a um vestibular para ingresso numa instituição de ensino superior.

O espaço físico onde os maçons, também conhecido como obreiros ou pedreiros livres, se reúnem é chamado Loja, a Loja representa todo espaço físico do ambiente, incluindo todas as salas, espaços, quintal, banheiros, cozinha, os bens móveis. A Loja possui um espaço físico, que é como se fosse uma sala de aula, destinado aos estudos formais, trabalhos e cerimoniais dos maçons. Este espaço físico dentro da Loja em alguns ritos maçônicos é chamado de templo. Quando os maçons estão reunidos liturgicamente dentro do Templo, dizem então que estão na oficina trabalhando/estudando. Os mesmos necessitam, igual a uma escola, estar uniformizados, no caso dos maçons, os mesmos utilizam-se de um avental para simbolizar que estão trabalhando/estudando para o seu aperfeiçoamento e o da humanidade.

A Maçonaria possui “séries” ou “períodos” que são os chamados graus, estes por sua vez consistem em sua forma simbólica e portanto básica para formação do maçom, em três: aprendiz (1º grau), companheiro (2º grau) e mestre (3º Grau), leva-se, no Brasil, um média de 1 a 2 anos para que esta formação se complete. Há também os graus complementares, erroneamente conhecidos como filosóficos, que são os que estão acima do grau de Mestre, que vão variar em números conforme o rito. O homem que não é maçom é chamado de profano e o ensino ministrados aos maçons é chamado de arte real. São os Mestres que, estando aptos, instruem os aprendizes e companheiros na oficina. O cargo mais alto de uma Loja é chamado de Venerável Mestre. O cargo mais alto em âmbito territorial em um território (estado

ou país) é chamado de Grão-Mestre, que pode ser comparado a um reitor. Para exercer qualquer cargo, além da aptidão o maçom em questão deve ter sido escolhido através de votação pelos outros maçons.

A reunião/junção de três Lojas ou mais, faz com que as mesmas se organizem politicamente e administrativamente em federações ou confederações. Costuma-se utilizar os termos de Grande Oriente ou Grande Loja as jurisdições maçônicas que governam as Lojas em um determinado território. Um território pode ter mais de uma Grande Loja ou Grande Oriente. Caso esses se reconheçam mutuamente, isso significa que concordam em compartilhar o governo maçônico naquele território. O Grande Oriente e a Grande Loja são chamados de obediências ou potências maçônicas.

A Arte Real, possui formas diferenciadas de serem transmitidas. A Maçonaria chama de rito um conjunto sistemático de cerimônias e ensinamentos, que podem variar de acordo com o contexto histórico em que foram criados, a temática do seu criador ou sintetizador, o objetivo e a influência de diversos saberes. São exemplos de Ritos mais conhecidos: Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), Rito Adonhiramita, Rito Brasileiro, Rito Moderno ou Francês, Rito de York, Rito Schroeder ou Alemão, etc; mas todos com pontos comuns inalteráveis, que servem como uma espécie de Projeto Político Pedagógico, e que devem ser seguidos.

A pedagogia contida no ritual é repassada ao maçom para que ele tente colocar aqueles ideais abstratos em prática quando sair do espaço sagrado da ritualística. A moral, por exemplo, presentificada no ritual, é relativizada e considerada “moralidades” quando se examina o “contexto da situação”. Pois no plano empírico cada um a interpretará de uma forma, de acordo com suas conveniências e interpretações para maçonaria (SOUZA, 2006, p.22).

Devido a estes diversos ritos e as formas de se

organizarem pedagogicamente, politicamente e administrativamente, alguns autores preferem utilizar o termo Maçonarias ao invés de Maçonaria, por entenderem que há diversas casas maçônicas de linhas de pensamentos diferentes, inclusive algumas sendo reconhecidas como maçonaria, outras buscando o reconhecimento, algumas perdendo o reconhecimento e outras não procurando o reconhecimento, porém utilizando o termo “Maçonaria” ou outro equivalente em seu nome, como forma de demonstrar uma antiguidade e/ou uma tradição, no entanto modificada, não se utilizando de todas as principais regras de regularidade, por acharem que as mesmas estão ultrapassadas, representando uma época em que certas conquistas e direitos, principalmente a igualdade de direitos entre o gênero masculino e feminino não haviam se consumado.

O douto Grão Mestre Lucas Galdeano muito bem dissertou sobre tais regras de regularidade:

(...) um Rito deve ter conteúdo que consagre algumas exigências bem conhecidas: o símbolo do Grande Arquiteto do Universo, o Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso sobre o altar dos juramentos, sinais, toques, palavras e a divisão da Maçonaria Simbólica em três graus. Não há nenhum órgão internacional para reconhecer ritos. Acima do 3º Grau, cada Rito estabelece sua própria doutrina, hierarquia e cerimonial.

Um rito maçônico, usando simbolismo próprio, é um grande edifício. Deve ter projeto integrado, dos alicerces ao topo. Cada rito possui detalhes peculiares. A linha maçônica doutrinária, em cada Rito, deve ser contínua, dos graus simbólicos aos filosóficos. Cada Rito é uma Universidade doutrinária.

(...)A Maçonaria se caracteriza pela diversidade e sempre admitiu a pluralidade de ritos. O Sistema do Rito Único, caso existisse, não seria um bom sistema. A Ordem reuniu sistemas diversos formando uma unidade superior, perfeitamente caracte-

rizada que é a Doutrina Maçônica. A Maçonaria convive com muitos ritos, uns teístas, outros deístas sem esquecer os agnósticos. Afinal, há muitas maneiras de se relacionar com Deus. Mas há um detalhe: o maçom não pode ser ateu. Em decorrência deste ecletismo, as manifestações maçônicas disseminadas no mundo ao longo do tempo, apresentam-se com grande diversificação, havendo Unidade na Diversidade (...) (GALDEANO, 20--).

Assim, dentro dos Ritos, existem alegorias e símbolos, nos quais o maçom irá aprender a filosofia maçônica desde sua entrada na ordem através da iniciação, findo a iniciação, o maçom ainda terá um vasto universo de estudos e aprimoramentos à sua frente, como explica Souza:

Um rito de passagem muito importante, pois através do cerimonial se dramatiza a entrada de um novo membro – um estranho que se tornará familiar – à maçonaria.

Os ritos de passagem são situações inerentemente dramáticas, ou seja, situações de conflito que podem ser analisadas pela chave do ‘drama social’ (...).

Turner se utiliza de uma terminologia teatral para analisar as sequências desse ‘drama social’. No caso, dentro do estudo em questão, se pode dizer que se tem um ‘drama social não-socializado’, pois todo o ritual é realizado a portas fechadas, e restrito aos seus participantes, encarregados de promoverem o processo de transformação do ‘profano’ em maçom e de testar sua certeza em entrar para a organização. Esse autor considera o ‘drama social’, em seu desenvolvimento formal completo, ‘como um processo de conversão particular de valores e fins, distribuído sobre um âmbito de atores, dentro de um sistema’. A ritualização de iniciação de passagem, isto é, quando ‘alguém começou a se mover em direção a um novo lugar na ordem social’, de qualquer grau, pode ser vista

como a encenação de um drama, um processo em que alguns valores devem ser transformados, dentro de uma visão de mundo. Para isso, o significado de todo o drama é performatizado. Para Turner, o 'homem é um animal auto-perfomático, suas performances são, de um modo, reflexivas, em performance ele revela a si mesmo para si mesmo'. A performance do ritual de aprendiz, portanto, revela muito sobre a visão de mundo maçônica(...) (SOUZA, 2006, p.23-24).

Estas alegorias consistem em passar certas verdades ou questionamentos, de formas teatrais, dando a oportunidade de se "sentir" o ensinamento, coisa que uma leitura, aula ou palestra seria incapaz de realizar. É o teatro ensinando o homem, onde o profano na iniciação é o ator e espectador protagonista:

(...)o estudo abordado na Ordem passa por áreas diversas, tais como a astronomia, a física, a química, a matemática, e as ultrapassa enveredando por temas que carecem ainda de comprovação científica. Como, por exemplo, a sugestão na forma de existência de forças invisíveis que influenciariam nas decisões das pessoas. Algo dentro de uma racionalidade maçônica, porque não considerada sobrenatural, mas uma técnica que estaria dentro das leis da natureza, desconhecida pela média dos indivíduos.

Ora, quaisquer desses temas podem ser encontrados atualmente em profusão em boas livrarias e em editoras ligadas ao tema do esoterismo. (...).

Contudo, nunca se sabe como esse 'programa de estudos' com seus 'conteúdos' são exatamente abordados em cada loja (...) (Idem, Ibidem, p.88).

Macnulty também dá sua contribuição sobre o assunto:

A interpretação dos símbolos, se chegar a ser feita na totalidade, é responsabilidade de cada maçom; e neste processo de interpretação pessoal – e da observação dos princípios que regem a vida de cada um – podemos verificar como o Ofício da maçonaria assume vida como um mistério.

(...)Assinala-se que os eruditos do Renascimento, os criadores da franco-maçonaria especulativa, consideravam o seu 'Ofício' como uma disciplina que hoje identificaríamos com a psicologia, ou talvez com a atual investigação acadêmica acerca da natureza da consciência (...) (MACNULTY, 1996, p.7).

Assim como as Escolas ou Universidades, os alunos, os maçons, não serão iguais. Não haverá uma uniformidade de pensamentos ou atitudes destes maçons que "beberam" do conhecimento maçônico. Até porque, quando um homem se torna maçom, o mesmo já possui toda uma história de vida, experiências e formas de pensar, que serão somados, misturados, desbastados e lapidados com aquilo que a pedagogia maçônica apresenta a ele. Além de que, o convívio com diversos irmãos das mais variadas crenças religiosas, posições sociais e profissões, irá enriquecer e alimentar o conceito de sociabilidade, pois o campo da maçonaria é constituído de um vasto mundo de elementos e interesses; lembramos umas das máximas da sociologia que diz que o meio influencia, porém não determina o comportamento do agente. Isso também é observado por Souza:

O mundo da maçonaria não está livre de influências, nem de contaminações, com diversos campos. (...). A teoria dos campos tem a utilidade de registrar, em nível abstrato, um 'pensamento institucional' que, no caso desse estudo, a maçonaria quer concretizar e dizer sobre si mesma. Não existe de fato 'mundo à parte': o que se tem são pessoas-corpo que em seus cotidianos participam de vários universos apa-

rentemente isolados uns dos outros, mas que, quando nos aproximamos para analisá-los, percebemos que eles sempre se relacionam a outros campos, portanto, não são isolados, embora conservem, na maioria das vezes, um caráter próprio, que lhes permite afirmar uma identidade de grupo. (...).

(...)aos múltiplos interesses que motivam a movimentação de um maçom, o que faz com que tudo dentro do campo maçônico se torne múltiplo: pois nem sempre um maçom comporta-se como outro maçom, pois os dois podem ter interesses divergentes pela maçonaria; o capital a ser alcançado, pois um maçom pode estar em busca do sagrado e outro da proteção oferecida pela instituição; a representação de maçonaria, já que um pode compreender a maçonaria como uma instituição filantrópica e outro pode lê-la como algo mais além; a função da maçonaria, etc. Tais tópicos não se constituem como campos dentro do campo maçônico, pois não envolvem concorrência por posições melhores, mas como 'lugares'. Ou melhor, lugares de interesse, a exemplo da filantropia, da ajuda-mútua, do esoterismo (SOUZA, 2006, p.20-21).

Apesar de opiniões diferentes sobre diversos campos, os maçons conservam, na maioria das vezes, um caráter próprio, que lhes permite afirmar uma identidade de grupo, que fará com que haja certa coerência entre seus afiliados. A construção e desconstrução do maçom como pessoa, as metáforas passadas através das alegorias e simbolismos que constituem toda a estrutura de linguagem simbólica da instituição que tem como objetivo garantir a continuidade e a transmissão, permitindo a superação das experiências concretas do homem. Os maçons compartilham de um mesmo sistema de significados, uma variedade limitada pela tradição da Arte Real, que em contraposição à sociedade é o valor dado aos costumes e usos.

A Maçonaria assimila, através do maçom, o

contexto histórico da época em que é praticada e também o lugar, adequando-se através dos tempos, porém sem perder suas tradições mais valiosas que a garantem e a tornam reconhecida e identificada como maçonaria, apesar das divergências a respeito dos Landmarks.

Assim sendo, o aprendizado do segredo ou sobre o segredo faz com que o maçom seja educado a respeitá-lo e incorporá-lo no seu viver, tendo ciência de como um maçom na teoria (ideal) deve se conduzir dentro e fora da Loja. O maçom é convidado à cidadania e a atuação política (afinal, o homem é um animal político!). O candidato mesmo após passar por diversas provas durante a sua Iniciação, e tornando-se maçom, estas "provas" continuam dentro e fora da instituição, pois deve colocá-las em prática e não deixá-las apenas na teoria ou amostra apenas para os outros maçons. Percebe-se que o segredo, os segredos ou o secreto tem o caráter de proteção do exterior, transformando-se conseqüentemente no "cimento" de união entre os seus membros, sendo um desvelar autovelante entre eles.

A Origem

A autora Ângela Cerinotti comenta as variadas hipóteses de contradições a respeito do nascimento da sociedade maçônica, afirmando ser impossível tomá-las analiticamente, como se pode ver na seguinte citação:

Como consta de uma monografia sobre o assunto (*La Sessa, La Massoneria: l'antico mistero delle origini* [A Maçonaria: o antigo mistério das origens] FOGGIA, 1997), de acordo com uma pesquisa realizada em 1909, em 206 obras historiográficas publicadas até então, acerca das origens da Franco-Maçonaria, surgiram 39 diferentes opiniões (CERINOTTI, 2004, p.8-10).

Ora, se temos 39 opiniões diferentes numa pesquisa realizada em 1909, é fato que este número cresceu com o decorrer dos anos e o avançar das pes-

quisas e da tecnologia, haja vista também o poder do imaginário popular.

O autor Alain Bauer (2008, p.22-23), citando o professor Antoine Faivre, nos mostra uma nova “fórmula” buscando sintetizar as diversas maneiras de ver a historiografia maçônica, são elas a abordagem empírico-crítica, a abordagem mítico-romântica e a abordagem universal. A primeira diz que “a análise histórica é factual, e não espiritual. Mais moderna e em plena expansão, ela considera a história maçônica como uma ramificação à parte da história social”. A segunda, “baseada na inventividade muito desenvolvida da parte histórica das Constituições de 1723, reforçada pelas publicações de William Preston, ela combina lendas e fatos, chega até a encontrar origens extraterrestres na Ordem. Toda a literatura maçônica dos séculos XVIII e XIX é por ela influenciada.”. A última, sempre de acordo com Antoine Faivre, “procura-se casar o sistema simbólico maçônico com outros sistemas a fim de satisfazer uma necessidade essencialmente experimental e individual. Em outros termos, os símbolos maçônicos não seriam específicos da Maçonaria, mas seriam muito mais a expressão de constantes universais presentes ao longo das eras sob diversos disfarces, independentemente de toda a questão de filiação histórica.”.

O respeitável autor e também maçom Charles Leadbeater (2012) explica que se pode agrupar as variadas correntes de forma sintética em 4 principais escolas de pensamento maçônico organizadas segundo a relação do conhecimento existente fora do campo maçônico (vulgarmente chamado “mundo profano”). São elas: a Autêntica ou Histórica; a Antropológica; a Mística (ou esotérica); e a Oculta.

A Escola Autêntica ou Histórica é baseada na linha documental, ou seja, aquilo que através da História, através dos Historiadores sejam eles maçons ou não, pode ser comprovado por documentação. Ora, vê-se aqui um positivismo altamente ortodoxo. O próprio nome da escola diz que a mesma parece ter sido a primeira a desenvolver pesquisa sobre a maçonaria e ao mesmo tempo de forma implícita, faz a sugestão de que as outras escolas não oferecem caminhos adequados para investigação, não tendo com

isso sua autenticidade. Esta Escola afirma não admitir uma Antiguidade na Maçonaria anterior ao século XIII d.c, quando foram produzidos os Estatutos de Bolonha, um texto originalmente em latim, possuindo 3 folhas de pergaminho, datado de 1246, produzido por um escrivão público, a mando do capitão de Bolonha Bonifácio de Cario e reconhecido pelo Conselho de Anciãos em 1248, colocando as sociedades de Construção sob as leis da Cidade de Bolonha (ISMAIL, 2012).

A Escola Antropológica incorpora às suas pesquisas e análises os estudos da Antropologia, ou seja, o estudo de costumes e tradições de sociedades arcaicas, principalmente de tribos, buscando-se nelas as origens da simbologia maçônica, ou até a própria Maçonaria. Seus adeptos admitem uma Antiguidade bem maior para a maçonaria, chegando-se a estabelecer analogias com os Mistérios Antigos. Esta escola através de métodos comparativos, percebe semelhanças entre os símbolos e práticas rituais observados em diferentes comunidades com os empregados na Maçonaria. É a mesma linha de pensamento de Antoine Faivre quando fala das constantes universais, a abordagem universal.

A Escola Mística (ou esotérica) parece distanciar-se sensivelmente das outras. Não é produto de nenhum departamento científico fora da Ordem maçônica nem muito menos está interessada nas pesquisas históricas e antropológicas, apesar de eventualmente às utilizar. É uma corrente de pensamento que se aproxima mais da Religião, preocupando-se com o desenvolvimento espiritual do homem, que, segundo ela, deve procurar a união consciente com o Grande Arquiteto do Universo. Valorizando a experiência espiritual, a atenção desta Escola não se volta para o problema da linha de descendência do passado da Maçonaria; admite, no entanto, que a Maçonaria tem ligação com os Antigos Mistérios.

A Escola Oculta, como a sua “irmã” anterior, possui também uma orientação mais próxima do campo da Religião e/ou dos estudos espiritualistas, baseando-se nos conhecimentos do Ocultismo. A palavra Ocultismo pode gerar medo aos mais religiosos que estão imbuídos de pré-conceitos colocados goela

abaixo pela sociedade. Para os maçons, o ocultismo nada mais que é que o estudo dos problemas ocasionados pela natureza que não possuem uma solução oficial pela ciência oficial, bem como o estudo e reflexão sobre os mundos além do plano material do homem (físico), tais como o mundo astral e mental, buscando-se um aperfeiçoamento moral e espiritual, através principalmente da meditação e de experiências individuais, fazendo-se assim a ligação com Grande Arquiteto do Universo.

A Maçonaria Operativa, que se estende por toda a idade Média e Renascença e tem seu declínio iniciado com a fundação da Grande Loja de Londres (1717), compreende a história dos operários medievais, construtores de basílicas, catedrais, igrejas, abadias, mosteiros, conventos, palácios, castelos, torres, casas nobres, mercados e paços municipais.

Parece haver um consenso em que estudiosos e pesquisadores costumam dividir a origem da Maçonaria em três fases distintas: primitiva, operativa (ou ativa) e especulativa (fase atual).

Conclusão

Quando o assunto é Maçonaria, os leitores, estudantes e maçons são completamente livres para rejeitar ou discordar de qualquer coisa que possa lhes parecer falsa ou insalubre. Maçonaria é um mergulho num campo repleto de suposições, areias movediças, pântanos, invenções de tradições em cima de tradições e demais expressões pomposas que dão um “ar” de labirinto e brilho a qualquer tema que tenha como objeto a maçonaria. Uma verdadeira aventura intelectual onde os franco-maçons ingleses e depois os franceses não só proporcionaram meios de criar o mito, como também fizeram, muitas vezes o esforço de nele acreditar, como observou Bauer e também Morel e Souza:

A maçonaria é fértil em mitos de origem – e mito não quer dizer mentira (BAUER, 2008, p.19).

Difícil saber onde termina o fato histórico e começa o mito. Ambos estão amalgamados no cotidiano vivido pelos maçons, nos seus ritos, nas suas tradições, no seu imaginário e, sobretudo, na sua identidade. Ambas as narrativas, a histórica e a lendária são, portanto, verdadeiras (BAUER, 2008, p.83).

(...) o ideário maçônico foi de certo modo pioneiro ao criar a convivência do racionalismo moderno com a adesão, hoje tão espalhada, a ancestrais coletivos e a referências esotéricas como cabala, alquimia, hermetismo, as sociedades iniciáticas egípcias, gregas e judaicas, os *Colegia Fabrorum* romanos, a cavalaria das Cruzadas... Sempre haverá um ‘pedreiro’ ajudando a tirar pedras tidas como falsa deste ‘templo’ repleto de tradições – gloriosas para uns, duvidosas para outros. É possível preparar um suculento sopão de letrinhas com tantos ingredientes simbólicos, ainda que as receitas divirjam sobre alguns itens (MOREL; SOUZA, 2008, p.35).

Mito também é sinônimo de tradição na maçonaria, de tradição inventada, entendendo-se como um conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; sendo de natureza ritual ou simbólica visam colocar a semente de certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Sempre será possível estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. Passado este no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto ou perdido nas brumas do tempo, porém na medida que há referência a um passado histórico, as tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Resumindo, elas são reações a situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através de repetição quase que obrigatória (ROBSBAWN; RANGER, 1997).

A Maçonaria consagra-se a um vasto mundo, mas que no final das contas o seu detentor é quem vai decidir a que prática ela se consagrará; podendo-se dizer que a Maçonaria é para os maçons um desvelar autovelante e para os profanos um desvelar autovelante especulativo e conseqüentemente mais labiríntico do que é para os próprios iniciados; o que faz com que “o ponto final” desta conclusão seja simbólico e não definitivo. Portanto, já somos proficientes em ligar e desligar o computador.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Renato de. *Enciclopédia Histórica do Mundo Maçônico – TOMOS I e II*, Rio de Janeiro: Maçônica, 1980.
- AMORC, ROSACRUZ. *Iniciação Rosacruz*. Curitiba: edição própria, 1985.
- BAUER, Alain. *O nascimento da franco-maçonaria-Isaac Newton e os Newtonianos*. Tradução Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2008.
- CASTELLANI, José; CARVALHO, William Almeida de. *História do Grande Oriente do Brasil – A maçonaria na história do Brasil*. São Paulo: Madras, 2009.
- CASTELLANI, José. *A Ação Secreta da Maçonaria na Política Mundial*. São Paulo: Landmark, 2007.
- CERINOTTI, Angela. *Maçonaria: A descoberta de um mundo misterioso*. São Paulo: Globo, 2004.
- FERRÉ, Jean. *A história da franco-maçonaria (1248-1782)*. Tradução Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2003.
- GALDEANO, Lucas Francisco. *A Pluralidade dos Ritos Maçônicos no Brasil e no Grande Oriente do Brasil, em particular*. Disponível em: <http://www.freemasons-freemasonry.com/galdeano_ritos.html> Acesso em: 03/03/2010.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardin Cavalcante. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ISMAIL, Kenno. *Desmistificando a Maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.
- LEADBEATER, Charles. W. *A Vida Oculta na Maçonaria*. 2ª edição. São Paulo: Pensamento, 1964.
- LEADBEATER, Charles. W. *Pequena história da Maçonaria*. 12ª ed. São Paulo: Pensamento, 2012.
- MACKEY, Albert G. *Os princípios das leis maçônicas*. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.
- MACNULTY, Kirk W. *Maçonaria-Coleção: Mitos, Deuses, Mistérios*. Versão Brasileira: Navegantes: GVS, 1996.
- MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. *O Poder da Maçonaria – A história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- RODOLPHO, Adriane Luisa. *Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica*. Estudos Teológicos, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.
- SILVA, Rodrigo Otávio da. *Apropriações Contemporâneas do Egito Antigo: Antiguidade e tradição no discurso maçônico brasileiro*. *Revista de Humanidades MNEME*, v.7, n. 15, abr./maio 2005.
- SOUZA, Patrícia Inês Garcia de. *Buscadores do Sagrado: As Transformações da Maçonaria em Belém do Pará*. Universidade Estadual de Campinas. *Tese de Doutorado*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Campinas, SP, 2006.
- TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes LTDA, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold, *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: ed. Vozes, 1978.